

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA**

**A ATUAÇÃO DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS NA POLÍTICA
BRASILEIRA.**

**CURITIBA
2012**

REGINALDO DA SILVA MARTINATTO.

**A ATUAÇÃO DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS NA POLÍTICA
BRASILEIRA.**

Monografia apresentado ao Curso de Especialização em Sociologia Política Turma 2011 do Departamento de Ciências Sociais. Universidade Federal do Paraná, como exigência para obtenção do título de especialista em sociologia política.

Orientador Prof. Emerson Cervi.

CURITIBA

2012

SUMARIO.

RESUMO -----	4
INTRODUÇÃO -----	5
1- OS EVANGÉLICOS NO BRASIL -----	6
1.1 - O AUMENTO DA POPULAÇÃO EVANGÉLICA NO BRASIL-----	6
1.2 - A EXPANSÃO PENTECOSTAL NO BRASIL-----	8
1.3 - O NEOPENTECOSTALISMO E O USO DAS MÍDIAS. -----	11
1.4 - A EXPOSIÇÃO DOS EVANGÉLICOS A AUTORIDADE RELIGIOSA-----	13
1.5 - OS EVANGÉLICOS NA POLÍTICA BRASILEIRA. -----	15
2 – A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS -----	17
2.1- O SURGIMENTO DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS-----	17
2.2- O GOVERNO VERTICAL E CENTRALIZADOR DA IURD. -----	20
2.3- A ATUAÇÃO POLÍTICA DA IURD-----	24
2.4- OS MÉTODOS POLÍTICOS UTILIZADOS PELA IURD. -----	26
2.5- O DISCURSO RELIGIOSO UTILIZADO EM PRÓL DOS INTERESSES POLÍTICOS DA IURD. -----	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS. -----	30
BIBLIOGRAFIA. -----	33

RESUMO.

O objetivo deste trabalho é apresentar uma breve análise sobre a atuação da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) na política brasileira. Dentre os fatores que corroboram para o entendimento do “por que” uma igreja neopentecostal ter ganhado destaque no cenário político nacional estão o aumento da população evangélica no Brasil, em especial os pentecostais, pois é dessa vertente que vai surgir o neopentecostalismo que tem na IURD a principal denominação (MARIANO, 2004), o uso das mídias de massa pelas igrejas pentecostais e neopentecostais que ajudam a criar nos seus seguidores uma forte exposição à autoridade dos seus líderes e o interesse dos evangélicos principalmente pentecostais e neopentecostais por participar da política nacional motivados por um Estado laico que lhes garantiu liberdade religiosa.

Palavras-chave:

Política, Igreja Universal do Reino de Deus, evangélicos na política, pentecostais, neopentecostais.

INTRODUÇÃO.

O número de representantes evangélicos na esfera política brasileira - seja no Legislativo ou no Executivo - em diversos estados e cidades demonstram a “força desse segmento junto á população brasileira e reforça a sua posição de ator político considerável na atual conjuntura política” (MAIA, 2006, P 92) a partir desse quadro este trabalho vai se utilizar da atuação da IURD na política brasileira devido ao fato desta igreja ter se “transformado no mais surpreendente e bem-sucedido fenômeno religioso do país atuando de forma destacada no campo político” (MARIANO, 2004, P 125).

Para o entendimento de como a IURD alcançou esse status de um “fenômeno religioso” (MARIANO, 2004) é fundamental compreender que houve um aumento considerável da população evangélica brasileira, e que acima de tudo esse aumento não é algo uniforme, pois os evangélicos estão divididos entre pentecostais e não-pentecostais segundo pesquisas (BOHN, 2004) dessa forma o primeiro tópico vai analisar o crescimento do numero de evangélicos no Brasil no qual os pentecostais apresentam o aumento mais significativo entre os evangélicos muito disso devido ao uso das mídias pelos pentecostais que acabaram por inaugurar na década de 70 uma nova vertente evangélica, o neopentecostalismo, que tem na IURD - nosso principal objeto de análise- a sua principal denominação (MARIANO, 2004), apesar de que em alguns pontos deste trabalho a IURD vai ser identificada nas pesquisas utilizadas por Bohn (2004) como uma denominação pentecostal em outros como uma igreja evangélica (ORO, 2003), este trabalho vai tratar a IURD como uma denominação neopentecostal conforme a descrição realizada por Mariano (2004) que também trata a IURD em alguns momentos como uma denominação pentecostal.

Encabeçado pela Igreja Universal, o neopentecostalismo é a vertente pentecostal que mais cresce atualmente e a que ocupa maior espaço na televisão brasileira, seja como proprietária de emissoras de TV, seja como produtora e difusora de programas de televangelismo. (2004, P 124).

O alto grau de exposição dos evangélicos junto às autoridades religiosas são uma constante em praticamente todas as denominações evangélicas - pentecostais e não-pentecostais - (BOHN, 2004) quadro muito favorável para o entendimento do interesse que os evangélicos - principalmente a IURD - têm em participar da política nacional também são pontos a serem abordados nesse tópico, para isso os

trabalhos de Bohn (2004), Lima (2010), Mariano (2004, 2003), Souza, Magalhães (2002), Oro (2003) e Maia (2006) vão ser de suma importância para o primeiro tópico.

O segundo tópico busca demonstrar que a Igreja Universal soube tirar proveito dos principais pontos destacados no primeiro tópico do trabalho, para isso, a segunda parte vai analisar a IURD desde a sua fundação destacando como a igreja age junto aos seus fiéis, os métodos utilizados e os resultados alcançados no campo religioso e político, para isso, vai utilizar os trabalhos de Mariano (2004), Mafra, Swatowski, Sampaio (2012), Souza, Magalhães (2002), Oro (2003), Freston (2006), Bohn (2004), Conrado (2000) e Maia (2006).

Em resumo este trabalho busca apresentar uma reflexão sobre a relação que a IURD tem tido na política a partir de fatores sociais descritos no trabalho que tendem a favorecer a sua inserção no cenário político nacional.

1. OS EVANGÉLICOS NO BRASIL.

1.1 O AUMENTO DA POPULAÇÃO EVANGÉLICA NO BRASIL.

No senso realizado no ano de 2000¹ como descreve Bohn (2004) é possível perceber um aumento na população que se declara pertencente á religião evangélica em relação ao senso de 1980², assim é possível afirmar que a vida religiosa no Brasil este em transformação (LIMA, 2010). Se em 1980 o senso apontava para 7,8 milhões de evangélicos no Brasil em 2000 esse número praticamente triplicou, já que o número de evangélicos chegou a 26 milhões totalizando dessa maneira quinze por cento da população brasileira, dessa maneira vamos analisar a tabela (Tabela 1) apresentada pela autora que mostra a distribuição da população brasileira segundo as religiões e acompanhar esse avanço evangélico.

¹ IBGE, (2000)

² IBGE, (1980)

Tabela 01

Distribuição da população brasileira segundo religiões (1980/2000)			
Religião	1980 (%)	2000 (%)	Varição do N absoluto 1980/2000(%)
Católica	88.9	73.8	18.1
Evangélica não-pentecostal	3.4	4.2	78.0
Evangélica pentecostal	3.2	10.4	357.9
Kardecistas	0.7	1.4	171.9
Afro-brasileiras	0.6	0.3	-15.8
Outras	1.2	1.6	79.7
Sem religião	1.6	7.3	531.3
Sem declaração	0.2	0.2	27.6
Total	100	100	---
População total do Brasil (N)	119.011.052	169.411.759	42.3

Fontes: IBGE (2000), IBGE (1982).

Essa situação que vai muito além do simples aumento populacional de um determinado grupo da sociedade brasileira apontado pelo senso, já que Bohn também destaca que “Esse grupo religioso também vem crescendo entre os legisladores e membros eleitos do Poder Executivo” (BOHN, 2004, P289), outro autor que se utiliza de dados do IBGE é Mariano (2004) que em relação ao aumento da população evangélica no Brasil destaca o seguinte:

Conforme os Censos Demográficos do IBGE, os evangélicos perfaziam apenas 2,6% da população brasileira na década de 1940. Avançaram para 3,4% em 1950, 4% em 1960, 5,2% em 1970, 6,6% em 1980, 9% em 1991 e 15,4% em 2000, ano em que somava 26.184.941 de pessoas. (MARIANO, 2004, P121).

Outro dado importante relatado por Mariano (2004) em relação ao crescimento dos evangélicos no Brasil é a maneira de como estes estão distribuídos nas regiões brasileiras, sendo o Nordeste apresenta 10,4% de evangélicos o Norte 18,3%, o Centro-Oeste 19,1% em relação à região Sul o autor destaca que, “Apesar de reproduzir a média brasileira, o Sul, onde se concentra o luteranismo, tem apresentado os mais baixos índices de crescimento evangélico, sendo que em alguns estados ocorre perda relativa de crentes na população” (2004, P 121), em relação à região Sudeste o autor ressalta que é um dos importantes pólos da expansão evangélica com 17.7% de evangélicos.

A atuação crescente dos evangélicos no cenário político brasileiro é o ponto que nos interessa visto que a IURD vem de uma denominação que cresce conhecida como neopentecostalismo que é uma vertente do grupo dos evangélicos pentecostais, dessa forma é importante antes de analisarmos a IURD (neopentecostal) é tomarmos consciência de que os evangélicos – pentecostais e não-pentecostais - segundo Souza e Magalhães (2002) houve uma mudança na postura desse grupo:

Desta feita, se até a década de sessenta, sua atuação na política era extremamente tímida, limitando-se a demandas de caráter corporativo (como instituição do dia da Bíblia, dia da Reforma, inauguração de praças públicas com nomes evocativos de seus fundadores, pedido de verbas para a construção de templos), na atualidade, organizam-se para lançar e eleger seus próprios candidatos. (2002, P 86).

A escolha da IURD como exemplo de uma instituição religiosa que buscou atuar politicamente deve-se em primeiro lugar a importância que a IURD tem, pois é a mais importante e conhecida denominação neopentecostal (MARIANO, 2004) não só no âmbito nacional como internacional, já que como descrevem Souza e Magalhães, “Várias são as denominações surgidas nos anos setenta e oitenta, das quais a mais conhecida quer pelo seu tom estridente, quer pelo seu intenso proselitismo em todos os países da América Latina, é a Igreja Universal do Reino de Deus (fundada em 1977, pelo bispo Edir Macedo) (...)” (2002, P88, 89), em segundo lugar e mais importante para ter a IURD como exemplo de uma instituição religiosa que busca atuar dentro da política é o êxito que esta tem obtido no cenário político nacional:

(...) o sucesso político da Universal repercute tanto no campo religioso produzindo um efeito mimético em outras igrejas e religiões que procuram como ela, também expressar o seu capital político e poder institucional como no campo político, provocando um interesse de alianças por parte dos partidos políticos. (ORO, 2003, P53).

Esse aumento da população evangélica no Brasil e conseqüentemente sua atuação e participação política tem no fato das igrejas evangélicas em especial as pentecostais uma forte atração pelas camadas pobres (SOUZA, MAGALHÃES, 2002), como um dos fatores do seu crescimento. Em relação às igrejas pentecostais faremos uma análise mais detalhada na seqüência deste tópico.

1.2A EXPANSÃO PENTECOSTAL NO BRASIL

Quando recorremos aos dados do IBGE apresentados por Bohn (2004) é possível perceber que dentro do grupo dos evangélicos existe uma diferença nos números que mostram o aumento dos evangélicos no Brasil. Bohn destaca que entre os evangélicos o aumento mais considerável é entre os pentecostais que segundo os dados do censo 2000 representam 10.4%, enquanto os não pentecostais³ somavam 4.2% de um total de 15.4% que é a soma da população evangélica do Brasil nesse período.

Mariano (2004) descreve que o primeiro missionário pentecostal chegou ao Brasil há 94 anos o que acabou levando a criação de centenas de igrejas das quais o autor faz referência as pioneiras Congregação Cristã no Brasil e Assembléia que ao lado da IURD são as principais denominações pentecostais do país em número de seguidores:

O pentecostalismo clássico abrange as igrejas pioneiras: Congregação Cristã no Brasil e Assembléia de Deus. A Congregação Cristã foi fundada por um italiano em 1910, na capital paulista, e a Assembléia de Deus, por dois suecos, em Belém do Pará, em 1911. Embora europeus, os três missionários converteram-se ao pentecostalismo nos Estados Unidos, de onde vieram para evangelizar o Brasil. De início, na condição de grupos religiosos minoritários em terreno "hostil", ambas as igrejas caracterizaram-se pelo anticatolicismo, por radical sectarismo e ascetismo de rejeição do mundo. No plano teológico, enfatizaram o dom de línguas (glossolalia), seguindo a ênfase doutrinária primitiva dessa religião. A Congregação Cristã, além de permanecer completamente isolada das demais igrejas e organizações pentecostais, manteve-se mais apegada a certos traços sectários, enquanto a Assembléia de Deus mostrou, sobretudo nas duas últimas décadas, maior disposição para adaptar-se a mudanças em processo no pentecostalismo e na sociedade brasileira. (2004, P123).

Mariano (2004) ressalta que a expansão pentecostal não é um fenômeno recente, segundo ele ocorre há meio século, o que elevou o pentecostalismo ao patamar de segundo maior grupo religioso no Brasil, fato que Mariano descreve como uma consequência da ação dos adeptos do pentecostalismo que não se restringem mais as camadas mais pobres da sociedade abrangendo também pessoas da classe média que vão desde empresários a artistas. Mariano destaca que a expansão

³ As religiões evangélicas chamadas de não-pentecostais ou históricas compreendem, no Brasil, sobretudo as seguintes denominações: Igrejas Batista, Episcopal, Luterana, Metodista e Presbiteriana.

Entre as evangélicas pentecostais principalmente: Assembléia de Deus, O Brasil para Cristo, Congregação Cristã no Brasil, Deus é Amor, Universal do Reino de Deus. A novidade incorporada pelas denominações pentecostais é a centralidade da crença na ação do Espírito Santo, manifesta através da reprodução, nos cultos, de partes do episódio de Pentecostes, em que o fiel supostamente fala em Línguas estranhas, Freston (1996)

pentecostal vai além do plano religioso e demográfico atingindo também “os campos midiáticos, político partidário, assistencial, editorial e de produtos religiosos” (2004 P121) o que para o autor da ao pentecostalismo:

Ao lado e por meio disso, o pentecostalismo vem conquistando crescente visibilidade pública, legitimidade e reconhecimento social e deitando e aprofundando raízes nos mais diversos estratos e áreas da sociedade brasileira. (2004, P121)

Mariano (2004) assim como Bonh também se utiliza de dados do IBGE como forma de confirmar suas afirmações de que em relação ao aumento da população evangélica no Brasil os pentecostais são o grupo que mais contribuíram para esse aumento:

Os principais responsáveis por tal sucesso proselitista foram os pentecostais, que cresceram 8,9% anualmente, enquanto os protestantes históricos atingiram a cifra de 5,2%. Com isso, os pentecostais, que perfazem dois terços dos evangélicos, saltaram de 8.768.929 para 17.617.307 adeptos (ou seja, de 5,6% para 10,4% da população) de 1991 a 2000, ao passo que os protestantes históricos passaram de 4.388.310 para 6.939.765 (de 3% para 4,1%)⁴.(2004, P121, 122).

Outro ponto destacado por Mariano (2004) em relação ao aumento pentecostal é o fato de que apesar de existir no Brasil um grande número de denominações pentecostais a Assembléia de Deus, Congregação Cristã no Brasil e Igreja Universal do Reino de Deus se somadas contabilizam 13 milhões de membros, ou seja, 74% dos evangélicos pentecostais do Brasil fazem parte de uma das três denominações citadas.

Bonh (2004) utilizando-se de dados da distribuição das principais denominações evangélicas segundo o ESEB⁵ nos fornecendo uma porcentagem mais específica das três principais denominações pentecostais no Brasil, que são Assembléia de Deus com 30.8%, Congregação Cristã no Brasil 9.6%, Igreja Universal do Reino de Deus 6.8%, outras pentecostais somadas somam 20.2%. Como esses números estão relacionados a todos os evangélicos e não só aos pentecostais vale mostrar também a porcentagem das denominações não-pentecostais ou históricas que são a Batista 12.9% e outras não-pentecostais que somam 9.8% e aqueles que não especificaram denominação 9.8%.

⁴ No Censo 2000, 1.627.870 evangélicos (6,2% do total) foram classificados pelo IBGE como "sem vínculo institucional" e "outros evangélicos". Embora constem na soma geral dos evangélicos, não são contabilizados nos totais de pentecostais e protestantes históricos.

⁵ ESEB 2002

A partir dos dados do IBGE citados por Mariano (2004) ele afirma que os pentecostais souberam muito bem se utilizar de diversos fatores em benefício próprio, dentre esses fatores ele cita:

(...) os contextos socioeconômico, cultural, político e religioso do último quarto de século no Brasil. Nesse sentido, cabe destacar, em especial, a agudização das crises social e econômica, o aumento do desemprego, o recrudescimento da violência e da criminalidade, o enfraquecimento da Igreja Católica, a liberdade e o pluralismo religiosos, a abertura política e a redemocratização do Brasil, a rápida difusão dos meios de comunicação de massa. (2004, P122).

A Igreja Universal do Reino de Deus com seus 6.8% da preferência dos evangélicos no Brasil o que lhe garante ser a terceira denominação pentecostal do país e a principal entre as neopentecostais (MARIANO, 2004) como vamos ver adiante, é o exemplo que vai ilustrar o segundo tópico deste trabalho devido a sua atuação, e principalmente o êxito no cenário político nacional que acabam por influenciar até as denominações pentecostais maiores a ela como afirma Oro “O sucesso político da IURD parece estar produzindo um efeito mimético no campo religioso. Assim, por exemplo, uma parcela da Assembléia de Deus vê a IURD como uma igreja que precisa ser imitada” (2004 P59).

Outro fator importante para o entendimento da expansão dos pentecostais é como este grupo soube se utilizar dos meios de comunicação em seu benefício principalmente a partir da década de 1970, a partir daí muitas das denominações ficam conhecidas como neopentecostal, movimento que é encabeçada pela IURD Mariano (2004).

1.30 NEOPENTECOSTALISMO E O USO DAS MÍDIAS.

O neopentecostalismo começa na década de 70 e segundo Souza e Magalhães se encontra em processo de crescimento, os autores afirmam que o pentecostalismo é um “Fenômeno comum a todo o continente, seus líderes são, na maioria, pregadores nacionais. Com o uso intenso da mídia eletrônica (que também é denominada de televangelismo), este período se caracteriza pela consolidação do pentecostalismo como força social e política” (2002, P 88),

O neopentecostalismo é a vertente pentecostal que mais cresce atualmente como explica Mariano (2004), além disso, dentre as denominações evangélicas é a que ocupa o maior espaço na televisão brasileira, o que é uma tônica dos pentecostais, a

utilização dos meios de comunicação em seu benefício, o autor ressalta ainda que o neopentecostalismo.

Cresceu, ganhou visibilidade e se fortaleceu no decorrer das décadas seguintes. A Universal do Reino de Deus (1977, RJ), a Internacional da Graça de Deus (1980, RJ), a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (1976, GO) e a Renascer em Cristo (1986, SP), fundadas por pastores brasileiros, constituem as principais igrejas neopentecostais do país. No plano teológico, caracterizam-se por enfatizar a guerra espiritual contra o Diabo e seus representantes na terra, por pregar a Teologia da Prosperidade, difusora da crença de que o cristão deve ser próspero, saudável, feliz e vitorioso em seus empreendimentos terrenos, e por rejeitar usos e costumes de santidade pentecostais, tradicionais símbolos de conversão e pertencimento ao pentecostalismo. (2004, P 123, 124)

Como relata Mariano às denominações neopentecostais são as mais liberais nas questões comportamentais de seguidores haja vista que os neopentecostais em boa parte conseguiram romper com o “(...) ascetismo contracultural tipificado no estereótipo pelo qual os crentes eram reconhecidos e, volta e meia, estigmatizados” (2004 P124), dessa maneira os seguidores acabam por ter uma liberdade maior na qual Mariano descreve da seguinte forma:

De modo que seus fiéis foram liberados para vestir roupas da moda, usar cosméticos e demais produtos de embelezamento, freqüentar praias, piscinas, cinemas, teatros, torcer para times de futebol, praticar esportes variados, assistir a televisão e vídeos, tocar e ouvir diferentes ritmos musicais. Práticas que, nos últimos anos, também foram sendo paulatinamente permitidas por igrejas pentecostais das vertentes precedentes, com exceção da Deus é Amor, que manteve incólume a velha rigidez ascética. Em todas as vertentes permanece, porém, a interdição ao consumo de álcool, tabaco e drogas e ao sexo extraconjugal e homossexual. (2004, P124).

As igrejas neopentecostais são entre as pentecostais as mais inclinadas a se adaptar ou como descreve Mariano “acomodarem-se” a sociedade aos seus valores interesses e praticas dessa forma a principal estratégia empregada segundo o autor é o evangelismo pessoal e eletrônico que “(...) atraem e convertem majoritariamente indivíduos dos estratos pobres da população, muitos deles carentes e em crise pessoal, geralmente mais vulnerável a esse tipo de prédica” (2004 P124), esse tipo de prática muito utilizada pela IURD como vamos poder ver no segundo tópico é algo que parte das lideranças eclesiásticas e como descreve Mariano posto em ação nos cultos oficiais por meio do evangelismo eletrônico, tudo isso feito com muita

competência e também fruto de um elevado grau de exposição às autoridades religiosas por parte dos fiéis, que é um ponto importante que vamos verificar adiante.

1.4A EXPOSIÇÃO DOS EVANGÉLICOS A AUTORIDADE RELIGIOSA.

O elevado grau de exposição às autoridades religiosas como analisa Bohn (2004) é uma constante em todas as denominações evangélicas - pentecostais e não-pentecostais - segundo dados do ESEB utilizados pela autora esse nível de exposição à autoridade religiosa é classificado da seguinte forma; baixo, médio e alto. Entre as três principais denominações pentecostais os números são os seguintes; Assembléia de Deus apresenta um nível de exposição à autoridade religiosa baixo de 7.4% entre seus seguidores, 12.3% médio e 80.3% alto, a Congregação Cristã no Brasil apresenta um nível de 5.3% de seguidores com baixa exposição à autoridade religiosa, 7.9% médio e 86.8% alto, a Igreja Universal do Reino de Deus apresenta 3.8% de baixa exposição dos seus seguidores a autoridade religiosa, 7,9% apresentam um nível médio e 92.3% dos seus seguidores tem alto nível de exposição à autoridade religiosa.

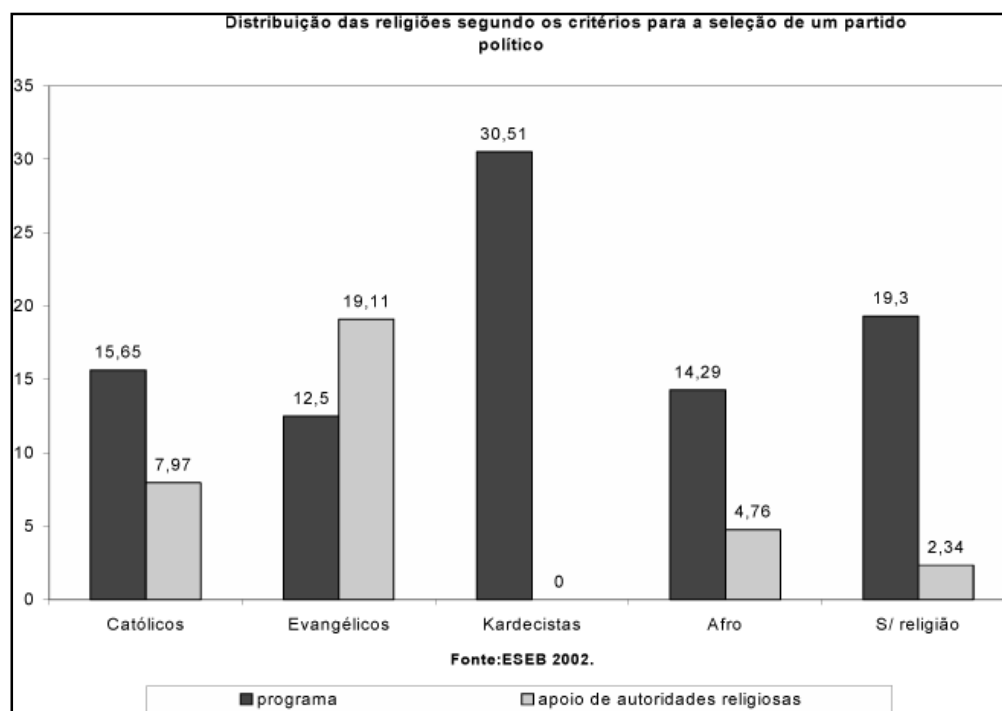
As outras denominações pentecostais como destaca Bohn tem entre seus seguidores segundo os números do ESEB, 5.1% com baixo nível de exposição às autoridades religiosas, 5.1% de seguidores com uma exposição considerada média e 89.4% com alto nível de exposição. Em relação às denominações não pentecostais Bohn apresenta os seguintes números; a Igreja Batista tem entre seus seguidores 15.7% com baixa exposição à autoridade religiosa, 3.9% com exposição considerada média e 80.4% com um nível de exposição considerado alto, as outras denominações não pentecostais somam 17.9% dos seus seguidores com baixo nível de exposição à autoridade religiosa enquanto 10.3% têm um nível considerado médio e 71.8% tem um grau de exposição considerado alto.

Bohn destaca que entre as denominações evangélicas examinadas – pentecostais e não-pentecostais - os fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus “(...) são mais assíduos: nove em cada dez freqüentam o culto uma ou mais vezes por semana” (2004, P 304), em um comparativo com denominações evangélicas não-pentecostais é possível perceber que estes possuem graus de assiduidade menores

que os seguidores da IURD que segundo Bohn são entre os pentecostais os seguidores mais expostos às autoridades religiosas.

Quando trazemos essa exposição dos evangélicos as autoridades religiosas para o cenário político é possível perceber a força que as lideranças evangélicas tem junto aos seus seguidores uma vez que Bohn (2004) destaca que entre todas as religiões pesquisadas pelo ESEB os evangélicos são o grupo religioso que apresenta o maior número de seguidores que tem como principal critério para a escolha de um partido político o apoio das autoridades religiosas, para o entendimento dessa situação de uma maneira mais detalhada vamos observar o gráfico (Tabela 2) utilizado pela autora.

Tabela 02



Dentre os números apresentados pelo ESEB sobre a distribuição das religiões segundo os critérios para a seleção de um partido político Bohn aponta que 19.11% dos evangélicos fazem sua escolha a partir do apoio de autoridades religiosas enquanto 12.5% dos evangélicos fazem sua escolha pelo programa apresentado pelo partido, a cerca disso a autora ainda destaca que:

Pode-se dizer que a importância atribuída, pelos evangélicos, ao apoio de autoridades da Igreja é mais de duas vezes maior que o peso dado pelos católicos a esse mesmo fator; quatro vezes maior que do que o peso dado pelos membros do candomblé e umbanda; e, por razões óbvias, mais de oito vezes maior do que o impacto dessa fonte para a decisão das pessoas sem religião. Entre os kardecistas, essa variável simplesmente não pesa na escolha partidária. (2004, P 334).

Com esse grau bastante elevado de exposição às autoridades religiosas os evangélicos – pentecostais e não-pentecostais - segundo descreve Bohn (2004) acabam por se transformar num segmento altamente passível de mobilização por parte de seus líderes haja vista que a influência da igreja e das autoridades religiosas é maior no caso dos evangélicos.

1.5 OS EVANGÉLICOS NA POLÍTICA BRASILEIRA.

Quando tratamos da atuação dos evangélicos na política brasileira o principal ponto de partida para o entendimento dessa situação é segundo as palavras de Mariano “(...) A separação Estado-Igreja e a moderna secularização do Estado propiciam a efetivação de profundas mudanças no campo religioso” (2003, P112), com isso criou-se uma liberdade, religiosa conseqüentemente desenvolveu-se uma concorrência entre diversas igrejas esse quadro se consolidou em 1988 com a nova Constituição que definia o Brasil como um país laico, dessa forma perante a lei todas as denominações religiosas devem ser tratada de maneira igualitária, esse quadro que para Mariano acirrou ainda mais a disputa proselitista entre as religiões.

Com a secularização do Estado, o fim do monopólio e a garantia estatal de liberdade e tolerância religiosas, ocorrem o aumento do número de agentes e grupos religiosos e a diversificação da oferta de produtos e serviços religiosos. Nesse contexto pluralista, as agremiações religiosas para sobreviver e crescer, são compelidas a concorrer, disputar mercado. Para tanto, muitas organizações religiosas, além de reforçar seu proselitismo, estimulando o ativismo do clero e a militância dos leigos, procuram, como forma de atrair clientela e recrutar nos adeptos, conquistar novos nichos de mercado. (2003, P114).

O contexto apresentado nesse e nos pontos anteriores desse tópico nos criam um quadro favorável para o entendimento da atuação dos evangélicos dentro da política nacional que como descreve Maia:

Desde a primeira metade do Século passado os evangélicos procuram atuar dentro do espaço político. Em determinados momentos essa tentativa de inserção ocorreu de modo mais contundente, em outros de modo mais tímido. Mas o fato é que apenas a partir de 1986 os evangélicos passaram a atuar de modo significativo no espaço político. (MAIA, 2006, P 102).

As igrejas evangélicas com maior atuação no cenário político brasileiro são a Assembléia de Deus, a Igreja do Evangelho Quadrangular e a Igreja Universal do Reino de Deus, esta última vamos poder ver de uma maneira mais detalhada no segundo tópico deste trabalho uma vez que para Oro (2003) é a IURD que possui o sistema mais organizado no que diz respeito a mobilização política para as candidaturas, vale destacar a tabela apresentada por Oro que mostra como as três igrejas citadas se organizam para eleger os candidatos indicados por elas.

Tabela 03

Religião	Prévias	Candidatura oficial	Exerce algum tipo de pressão para direcionar o voto dos fiéis
Quadrangular	Sim	Sim	Sim
Universal	Não	Sim	Sim
Assembléia de Deus	Não	Sim	Não

Fonte: ORO 2003.

Vale destacar que muito do êxito político que os evangélicos vêm alcançando na política nacional deve-se além dos pontos já citados nesse primeiro tópico pelo fato de que as igrejas evangélicas tendem por atuar em locais que o Estado não atua de fato (MAIA, 2006) dessa forma pode-se afirmar que “os evangélicos constituem uma fonte de mobilização política de setores sociais desfavorecidos” (ORO, 2003, 65), muito disso deve-se ao fato de que:

As igrejas evangélicas chegam a essas localidades marginais, muitas das quais não recebem a presença do Estado, a não ser de forma repressiva, e desenvolvem trabalhos comunitários em benefício da população local, mobilizando, assim, um grande número de indivíduos dentro das comunidades. (MAIA, 2006, P105).

O aumento da participação dos evangélicos na política eleitoral segundo Maia (2006) acrescenta novas variáveis na decisão do voto dos brasileiros em especial dos evangélicos o que segundo ele torna ainda mais complexo o jogo eleitoral. Como foi possível perceber nesse primeiro tópico o aumento da população evangélica que teve nas denominações pentecostais o aumento mais expressivo segundo dados apresentados favorecendo o surgimento do neopentecostalismo na

década de 70 (MARIANO, 2004) contribuiu para que a Igreja do Reino de Deus se estabelecesse entre as três principais denominações pentecostais e como a principal denominação neopentecostal, como aquela que segundo os números apresentados mais mobiliza seus seguidores o que lhe favorece não somente no que diz respeito às questões religiosas como também nas questões ligadas a política que veremos no tópico seguinte.

2. A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS.

2.1. O SURGIMENTO DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS.

Fundada em 1977 na Região Norte da cidade do Rio de Janeiro a Igreja Universal do Reino de Deus destaca-se devido a sua rápida expansão (LIMA, 2010), que segundo Mariano (2004) do primeiro endereço em um pequeno prédio aonde funcionava uma antiga funerária em menos de três décadas se transformou “no mais surpreendente e bem-sucedido fenômeno religioso do país” (2004, P125), isso se deve principalmente como a IURD atua nos campos políticos e na utilização das mídias eletrônicas.

Segundo afirmação de Mariano (2004) nenhuma outra igreja evangélica cresceu tanto no Brasil em tão pouco tempo o autor ainda ressalta que foi um crescimento institucional acelerado desde a fundação da IURD que no ano de 1985 com oito anos de sua fundação contava com 195 templos distribuídos por catorze Estados e no Distrito Federal, em 1987 o número de templos era de 356 em dezoito Estados já em 1989 o número de templos era de 571. Mariano destaca o crescimento da IURD que segundo ele descreve nos anos de 1980 a 1989 o número de templos cresceu 2.600%.

No ano de 1990 a IURD passou a cobrir todos os Estados do território brasileiro, neste período Mariano (2004) ressalta que a taxa de crescimento anual da Igreja é 25,7% o que ocasionou um salto no número de seguidores que passou de 269 mil para 2.101.887 em todo território brasileiro. A IURD já se faz presente em mais de oitenta países Mariano destaca que “Em todos eles, conquista adeptos majoritariamente entre os estratos mais pobres e menos escolarizados da população” (2004 P125), sobre o avanço da IURD em outros países Mafra,

Swatowski e Sampaio se referem a IURD como "uma das igrejas brasileiras mais bem-sucedidas em proselitismo internacional" (2012 P82).

Edir Macedo é segundo Mariano um dos principais responsáveis pela constituição do império religioso que a IURD tornou-se, graças ao projeto pastoral descrito por Mafra, Swatowski e Sampaio no qual "os indivíduos submetem-se a determinações da elite da igreja, levando em conta valores de "solidariedade", "confiança" e "dependência" "(2012 P92).

Dissidente da Igreja Nova Vida na qual permaneceu de 1963 até 1975 Edir Macedo fundou a Cruzada do Caminho Eterno e dois anos mais tarde formou a Igreja Universal do Reino de Deus (Mariano, 2004) aonde desde o principio se utilizou dos meios de comunicação para evangelização adotando no ano de 1980 o governo eclesiástico episcopal, no qual assumiu o posto de bispo primaz e o cargo vitalício de secretário-geral do presbitério cargo esse que segundo Mariano renunciaria em 1990.

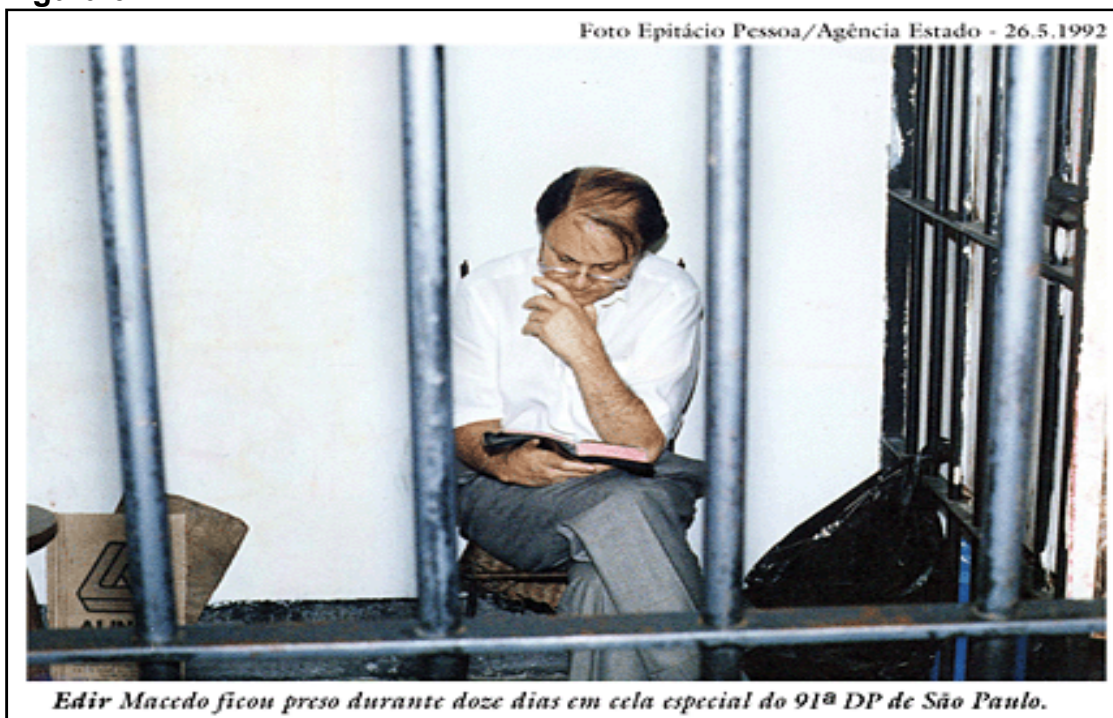
A década de 1990 se mostraria uma década conturbada para IURD que como descreve Mariano "a igreja e seus dirigentes estiveram no centro de intensas controvérsias, envolvendo os mais diferentes agentes dos campos religioso, empresarial, midiático, policial, judicial e político" (2004, P125), dentre os fatos descritos por Mariano um dos mais criticados foi a compra da Rede Record por 45 milhões de dólares em 1990 gerando acusações por uma parte da imprensa e de setores evangélicos⁶, e levando a IURD e suas lideranças a estamparem as notícias dos jornais como "exploradores da credulidade dos povos pobres" (MARIANO, 2004).

Segundo Mariano (2004) a situação piora uma vez que no ano de 1991, Carlos Magno de Miranda, um ex-lider da igreja no Nordeste, acusou Edir Macedo "sonegar impostos, de envolvimento como o narcotráfico e de enviar ouro e dólares ilegalmente para o exterior" (2004, P126), esse acumulado de acusações levou Edir Macedo a ser preso no dia 24 de maio de 1992 aonde permaneceu por doze dias em uma cela especial na 91ª Delegacia de Policia de São Paulo até ser solto após apresentação de um *habeas corpus*, Mariano ressalta que Carlos Magno voltou a fazer acusações contra Edir Macedo e a IURD:

⁶ Por diversas vezes nos anos de 1990, o então presidente da Associação Evangélica Brasileira (AEVB), pastor Caio Fábio, criticou a "liderança inescrupulosa, hostil, xiita do bispo Macedo", as "superstições pagãs" e os "manipulativos e abusivos" métodos de arrecadação da Universal, que, para ele, constriam e envergonhavam "o povo evangélico".

Na véspera do Natal de 1995, Carlos Magno voltou à carga tornando público um vídeo inédito, gravado em 1990, em que Edir Macedo aparecia rindo enquanto contava dinheiro num templo em Nova York, divertindo-se num iate em Angra dos Reis e instruindo, durante intervalo de uma partida de futebol, pastores a serem mais eficazes na coleta de dízimos e ofertas. A exibição do vídeo provocou uma das maiores controvérsias religiosas dos anos de 1990 no Brasil, resultando na mobilização de polícia e Receita Federal, Justiça, Previdência Social, Procuradoria da República e Interpol para investigar a Igreja Universal e seus líderes, que, em resposta, atacaram a Rede Globo, reclamaram de perseguição religiosa e realizaram grandes manifestações públicas de desagravo. Macedo e os bispos da igreja só conseguiram se afastar das páginas e manchetes policiais no final dos anos de 1990 em diante. (2004, P126).

Figura 01



Esse período conturbado e repleto de denúncias contra Edir Macedo e a IURD fez com que Macedo procurasse permanecer nos Estados Unidos onde a IURD já atuava desde 1986, ano da instalação do seu primeiro templo, tornando sua presença no Brasil algo raro (MARIANO, 2004). Edir Macedo dividiu o poder eclesiástico em quatro regiões no país Mariano destaca outras ações do líder mor da IURD:

Em meados da década de 1990, consagrou dezenas de novos bispos para assumir funções de direção em nível regional, estadual e nacional. Para evitar cismas, reestruturou o poder eclesiástico, criando três instâncias hierárquicas: Conselho Mundial de Bispos, Conselho de Bispos do Brasil e Conselho de Pastores. Com isso, a igreja manteve os princípios de verticalidade e concentração de seu governo episcopal, que continuou encimado por Macedo. (2004, P 126.)

Em relação ao governo vertical (MARIANO, 2004) vamos verificar adiante que é um dos fatores determinantes do êxito que a IURD alcançou nos campos religioso e político.

2.2. O GOVERNO VERTICAL E CENTRALIZADOR DA IURD.

Um dos principais fatores para o expansionismo da IURD é o governo verticalizado e centralizado exercido por ela que segundo Mariano é “tão ou mais importante que a decantada competência religiosa gerencial e empresarial de sua liderança eclesiástica” (2004, P 126), Mariano ainda destaca que o governo vertical utilizado pela IURD tem os seguintes efeitos na esfera religiosa:

Nesse sentido, cumpre destacar que o governo episcopal tal como exercido pela igreja reforça a unidade e a coesão denominacional, dinamiza o processo decisório, agiliza a transmissão das ordens superiores e a realização dos trabalhos administrativos, organizacionais e de evangelismo, permite centralizar a administração dos recursos coletados e fazer investimentos caros e estratégicos, como a abertura de novas congregações e frentes de evangelização, a construção de templos de grande porte, a compra de emissoras de rádio e TV, a criação de gravadoras, de editoras e de outros empreendimentos. (2004, P 126).

Além de eficiente o governo vertical e centralizado da IURD como destaca Mariano coíbe inteiramente a autonomia de pastores e adeptos. Um exemplo disso é que “os mais de quinze mil pastores titulares e auxiliares responsáveis pelos quatro mil templos no Brasil são remanejados freqüentemente” (2004, P127) dessa forma os pastores não gerenciam os recursos arrecadados e os fiéis não tem a opção de escolher seus líderes nem os candidatos apoiados pela Igreja como vamos ver na seqüência desse tópico, além disso, Mariano ressalta o fato dos fiéis não participarem da deliberação sobre a aplicação dos dízimos e ofertas.

Outro ponto determinante dentro da estrutura do governo vertical da IURD são as condições exigidas para os que desejam ser pastor, que Mariano classifica-as “simples e nada elitista” como conversão, dedicação e desejo dessa forma o ingresso na função de pastor se dá pela atuação prática e direta nas igrejas:

De forma que, para o aspirante a pastor, basta aprender a reproduzir corretamente o que os pastores titulares fazem no púlpito. Para avançar na hierarquia eclesiástica, precisam demonstrar elevada capacidade de

coletar dízimos e ofertas, habilidade tida como sinal de bênção divina. (2004, P 127).

Vale ressaltar os resultados dessa organização desenvolvida pela Igreja Universal do Reino de Deus no qual a frase de Edir Macedo reproduzida por Mariano (2004) retrata bem quais são os resultados esperados e considerados satisfatórios pela liderança da Igreja que é “o bom pastor é aquele que propicia os melhores resultados numéricos e financeiros á igreja”, além disso, vale destacar outros pontos da estrutura da Universal que a diferencia de outras denominações pentecostais:

Em contraste com o que se verifica na maioria das igrejas pentecostais, a Universal abre seus templos religiosamente todos os dias para a realização de três a quatro cultos públicos. Para manter essa "máquina" funcionando num tal ritmo de linha de produção, seus pastores trabalham em período integral, dedicando-se exclusivamente à denominação. Vínculo e compromisso institucionais que constituem enorme vantagem competitiva em relação às outras igrejas pentecostais, cujos pastores, majoritariamente, exercem outras atividades profissionais. A Universal, além disso, conta com o trabalho cotidiano de dezenas de milhares de obreiros voluntários, que desempenham tarefas cruciais para garantir o bom funcionamento dos cultos e da evangelização pessoal. (2004, P 128).

Como já foi possível verificar os resultados financeiros são importantes para a liderança da IURD e Mariano os descreve como “importantíssimos” para o crescimento da Igreja que o autor destaca a sua capacidade de arrecadar recursos superior á das demais igrejas, isso graças a postura da qual a IURD tem junto os seus fiéis:

A eficiência arrecadadora da Universal se deve em grande parte à sua agressividade, insistência e incomparável habilidade persuasiva nessa matéria. Quem não paga o dízimo, advertem os pastores, rouba a Deus, que, na condição de dono de todas as riquezas existentes, exige de volta 10% dos recursos que concede aos seres humanos. Dinheiro que deve ser empregado cabalmente na realização da obra de evangelização. Essa concepção se alia à crença de que só alcança bênçãos quem tem fé. No caso, ter fé significa crer piamente no que os pastores pregam e agir conforme os ditames dessa pregação. (2004, P129).

Assim a estrutura de arrecadação que tem como principal figura o pastor que não só incentivam demonstrações de fé (MARIANO, 2004) como dão garantias que estes “desafios” são como uma espécie de investimento de alto retorno, em contrapartida Souza e Magalhães ressaltam a seguinte postura por parte dos fiéis:

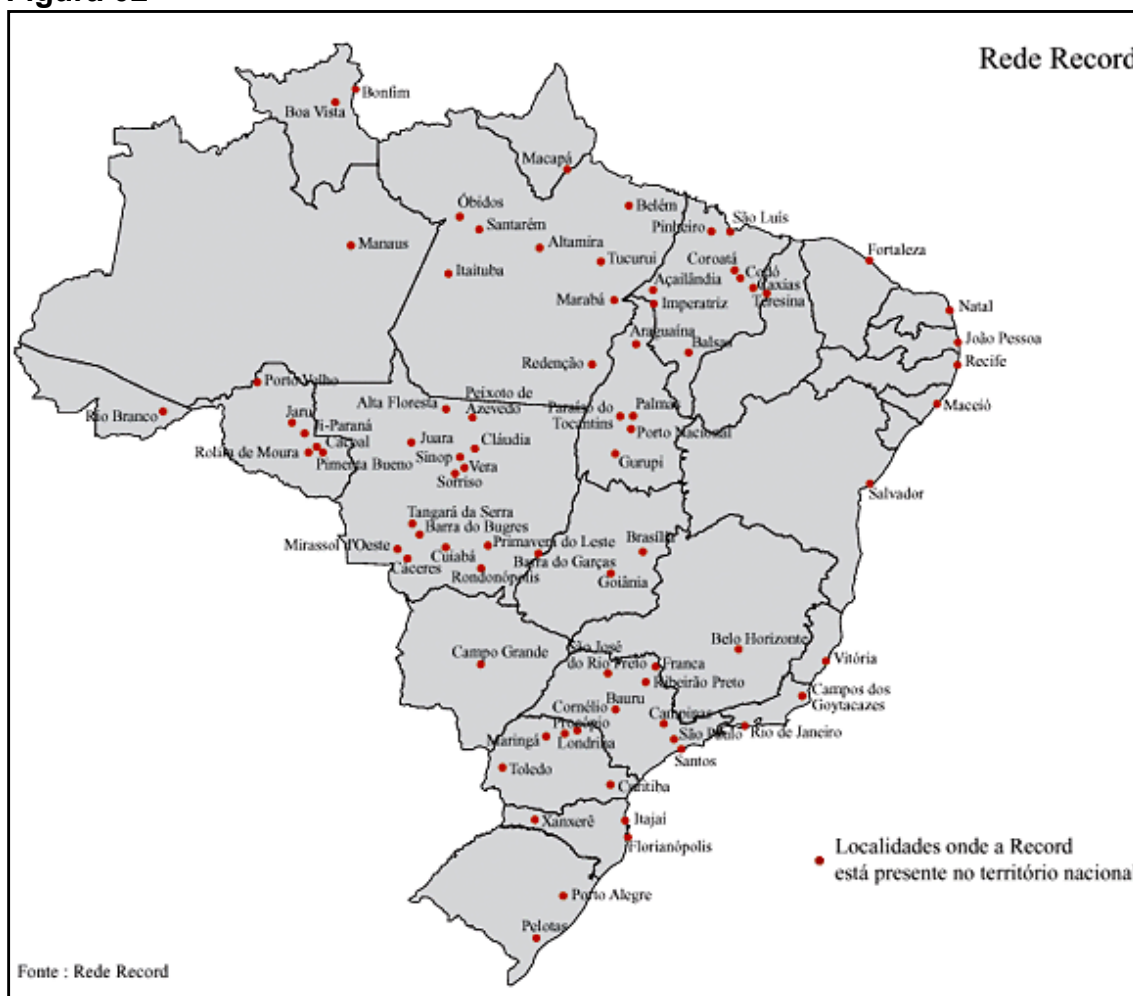
O fiel deve sacrificar o "seu tudo". A IURD tem uma campanha em que estimula o fiel a doar o máximo que puder na espera da bênção. Muitas pessoas dão tudo o que têm naquele momento de sua vida: uma caderneta de poupança, o dinheiro para comprar comida, o dinheiro para o ônibus, e assim por diante (2002 P 101)

Vale destacar que mesmo arrecadando mais que as igrejas concorrentes (MARIANO, 2004) não garante a Universal acumular taxas de crescimento acima da média pentecostal, para isso a IURD “investe majoritariamente o montante doado pelos fiéis no evangelismo eletrônico, na aquisição de novos locais de culto, no custeio de um enorme contingente de pastores trabalhando *full time*, na atividade missionária e de divulgação” (2004, P129) dos meios de utilizados pela IURD para atrair o maior número de adeptos podemos destacar o uso do rádio e da TV como destaca Mariano:

O proselitismo em rádio e TV constitui o mais poderoso meio empregado pela Universal para atrair rapidamente grande número de indivíduos das mais diversas localidades geográficas à igreja. Por sua capacidade ímpar de introduzir a igreja, sua mensagem e seu apelo religioso nos lares, o evangelismo eletrônico apresenta a vantagem de poder alcançar aqueles que não possuem contato ou relação de confiança, amizade e parentesco com fiéis da denominação. (2004, P130).

O uso dos meios de comunicação são um contributo de inegável importância (SOUZA, MAGALHÃES, 2002) para os neopentecostais em especial a IURD no qual suas lideranças segundo destaca Mariano tendem a optar pelo rádio à TV uma vez que os investimentos são menores como “o menor preço de locação ou de compra das emissoras, seu baixo custo de manutenção e a sua elevada audiência entre os estratos mais pobres da população” (2004, P 130), mesmo priorizando a evangelização pelo rádio a Universal é a denominação brasileira que mais investiu na aquisição de emissoras de televisão (MARIANO, 2004) o quadro abaixo (Figura 2) mostra o as localidades onde a Rede Record de televisão que pertence a IURD esta presente.

Figura 02



O evangelismo eletrônico da IURD funciona como uma linha de transmissão das atividades realizadas nos cultos públicos (MARIANO, 2004) tendo como intuito o convite aos ouvintes e telespectadores a participar dos cultos e campanhas realizadas pela igreja assim vale destacar a observação de Mariano quanto as praticas utilizadas pela Universal:

(...) a igreja optou por unir conhecimentos e aparatos tecnológicos de ponta nas áreas de propaganda e comunicação a crenças e práticas religiosas em profunda tensão com saberes, valores e instituições da modernidade. De um lado, estão as técnicas de marketing, as redes de rádio e TV, a música, os jornais, as revistas, a literatura, a internet, de outro, os dízimos, os ritos exorcistas, as curas divinas, as promessas de milagre e de prosperidade material. Em suma: em busca de eficácia proselitista, a Universal optou por investir maciçamente em técnicas avançadas de propaganda e no evangelismo eletrônico e por dilatar e sistematizar a oferta de magia. (2004, P 132).

Os aspectos apresentados em relação à estrutura desenvolvida pela IURD lhe garantiram segundo Mariano “maior legitimidade social” e a “consolidação como

organização religiosa” muito disso se deve ao seu poder religioso, midiático, econômico e político e é a ação política da Universal nosso próximo ponto.

2.3. A ATUAÇÃO POLITICA DA IURD.

A Igreja Universal do Reino de Deus iniciou sua prática política em 1986 (ORO, 2003) com a eleição de um deputado federal desde então esse número vem aumentando uma vez que em 1990 eram 3 deputados federais 6 deputados estaduais, no ano de 1994 o número de deputados federais duplicou e as cadeiras para as assembleias legislativas ocupadas por políticos ligados a IURD chegava a 8, em 1998 a Universal chegou ao número de 26 deputados estaduais eleitos em dezoito Estados enquanto o número de deputados federais chegou a dezessete. Oro destaca que nas “eleições de 2000 a IURD elegeu dezenas de vereadores em todos os Estados do país” (2003 P 54), nas eleições de 2002 a IURD elegeu dezesseis deputados federais egressos da própria igreja e dezenove deputados estaduais que representavam dez Estados brasileiros.

Um dos pontos apresentados por Oro e que demonstra o quanto é importante o apoio da IURD junto aos candidatos apoiados por ela é o fato de que nas eleições de 2002 alguns “parlamentares estaduais apoiados ou egressos da própria Igreja em eleições passadas, mas que mesmo não recebendo o apoio da Igreja das últimas eleições concorreram “espontaneamente” à reeleição” (2003, P 54) esses candidatos⁷ que não contavam com o apoio da IURD segundo Oro “amargara uma estrondosa derrota” enquanto os candidatos com o aval da Igreja foram em sua maioria eleitos.

Em relação aos parlamentares que perderam o apoio da IURD ocorreu devido ao “fato de que eles ou não se submeteram às diretrizes e orientações estabelecidas pelos articuladores políticos da Igreja ou não atuaram de acordo com a expectativa alimentada por eles” (ORO 2003, P54) em relação à articulação política da IURD o principal coordenador é o deputado federal Bispo Rodrigues⁸.

⁷ O jornal *Folha Universal* (15-21 set. 2002) divulgou uma nota esclarecendo que os deputados e os candidatos à reeleição para a Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, Mário Luiz e Magaly Machado, bem como o ex-pastor Eriberto da Silva Faria, também candidato a deputado estadual no Ceará, “não contam com o apoio dos membros da Igreja Universal do Reino de Deus”. O mesmo ocorreu no Rio Grande do Sul, com o pastor Paulo Moreira.

⁸ Bispo Rodrigues foi eleito em 1998 deputado federal pelo Rio de Janeiro pela legenda do PFL com 76 mil votos. Foi reeleito no pleito de 2002 com 192.640 mil votos quarta maior votação no conjunto

A relação partidária praticada pela IURD é algo muito particular uma vez que ela não se restringe somente a uma escolha ou apoio partidário, ou seja, dessa forma é possível encontrarmos políticos apoiados pela IURD ligados aos partidos da base governista que é o caso citado por Oro do senador e parte dos deputados federais pertencentes ao PL aliados do PT e outros deputados em partidos de oposição dessa forma o que se pode perceber é uma maneira distinta de se fazer política na qual:

“A atuação da Igreja Universal exemplifica um modelo possível de atuação política evangélica: o modelo institucional.”

“A Igreja, como instituição, entra na política defendendo as suas propostas, as quais podem ser boas ou não. Muitas vezes, tratasse de mera defesa de seus interesses institucionais.” (FRESTON, 2006, P11).

Essa falta de coesão partidária praticada pela IURD causa um conflito uma vez que seus congressistas em cada votação terão segundo Oro, optar entre as orientações partidárias e os interesses da Igreja, mas o que pode em um primeiro momento representar um problema é descrito por Oro da seguinte maneira:

Esse fato, porém, em vez de denunciar uma incapacidade política da IURD ou uma dificuldade de entendimento entre os deputados *iurdianos*, parece, antes, revelar o modo "sofisticado" de fazer política dessa Igreja, que distribui seus deputados em diferentes partidos para alcançar melhor poder de barganha política, o que não impede que em determinadas situações os interesses da Igreja se sobreponham aos dos partidos. (2003, P54).

A crescente presença de representantes ligados a IURD no Congresso Nacional como sublinha Oro foi uma grande contribuição para o aumento da “bancada evangélica” que segundo matéria da Folha de São Paulo⁹ utilizada por Oro, ressalta que a bancada evangélica de deputados federais eleitos era composta por cerca de sessenta parlamentares dos quais 23 ligados a Assembléia de Deus, 22 com vínculo ou apoio da IURD, oito batistas e os demais pertencentes a outras denominações evangélicas.

dos candidatos à Câmara Federal do Rio de Janeiro. Ele é hoje vice-líder do Partido Liberal (PL) na Câmara Federal. Fundou a Igreja Universal na Argentina e na Espanha e trabalhou em Portugal, Angola, África do Sul e Moçambique antes de se dedicar integralmente, em 1996, à tarefa de coordenador político da Igreja. Conrado atribui o sucesso eleitoral da IURD, entre outros fatores, à liderança desse bispo que, desde a campanha presidencial de 1989, coordena candidaturas e define estratégias políticas da Igreja, além de conduzir na Câmara Federal a ação política dos parlamentares nas questões que interessam à sua instituição religiosa. (FRESTON, 2000).

⁹ *Folha de São Paulo*, 10/10/2002.

O êxito alcançado pela IURD no cenário político é evidente muito disso por um modo muito próprio de fazer política (ORO, 2003) no qual o carisma exercido pelas lideranças eclesiais junto aos fiéis é um fator determinante na eleição dos candidatos com o apoio da igreja.

2.4. OS MÉTODOS POLITICOS UTILIZADOS PELA IURD.

A IURD desde que passou a atuar na politicamente buscou cada vez mais se aperfeiçoar nessa tarefa tanto que segundo a afirmação de Oro (2003) desde o ano de 1997 adotou um modelo corporativo de uma “candidatura oficial” isso em nível nacional, sendo assim o número de candidatos para os diversos cargos eletivos vai variar dependendo do capital eleitoral que a Universal vai dispor. Dessa forma a IURD realiza no período que antecede as eleições “uma campanha para os jovens de 16 anos obterem seu título eleitoral e efetua uma espécie de “recenseamento” de seus membros/fiéis, no qual figuram seus dados eleitorais” (2003 P55).

Essa prática de mobilizar os fiéis politicamente pode num primeiro instante parecer complicada para os coordenadores políticos da IURD, mas se levarmos em consideração a exposição que seus membros tem junto a autoridade religiosa da igreja vamos notar que não é a mais difícil das tarefas uma vez que a Universal é a denominação evangélica que apresenta entre os seus fiéis o índice mais alto de exposição a autoridade religiosa (BOHN, 2004).

Os dados eleitorais dos fiéis são recolhidos para então ser apresentados “aos bispos regionais que, por sua vez os transmitem ao Bispo Rodrigues” (ORO, 2004, P55), dessa forma a coordenação política da IURD vai decidir quantos candidatos vai lançar em cada município ou Estado, tudo isso com base no quociente eleitoral de cada partido político e no número de eleitores “recenseados” pelas igrejas locais, a partir disso os candidatos lançados pela Universal tem toda uma estrutura quase partidária ao seu favor.

Os candidatos lançados pela Universal segundo descrição de Oro têm todo um aparato que vai desde a utilização dos cultos até as concentrações em massa além da utilização de todo sistema midiático da igreja como televisão, rádio e jornal - de acordo com legislação eleitoral vigente – para uso em suas campanhas, além disso, Oro ressalta as seguintes medidas utilizadas pela igreja:

Nas eleições de 2002, a IURD apresentou algumas novidades em relação às eleições passadas. Como nas demais, ao final dos cultos mais concorridos, sobretudo os dominicais, não somente era mencionado o nome e o número dos candidatos da Igreja aos cargos eletivos, mas, algumas vezes, os próprios candidatos eram apresentados aos fiéis/eleitores ou, em caso de sua ausência, os bispos ou os pastores faziam subir no "palco/altar" alguns *banners* com fotos dos candidatos. (2003, P 55).

A dedicação política descrita por Oro como “pedagógica” em várias capitais e cidades do país “talvez eleve a Universal á condição ímpar da principal instituição brasileira da atualidade a se ocupar com tamanha aplicação á conscientização e ao direcionamento do voto dos seus membros” (2003 P56). Outro ponto a destacar da estratégia política da IURD é o fato que ela dependendo da eleição tende por espalhar seus candidatos por bairros, cidades ou regiões para serem apoiados separadamente pelas igrejas locais vale destacar a afirmação de Oro sobre a escolha dos candidatos apoiados pela igreja:

Porém, repito, na IURD a escolha dos candidatos é prerrogativa única e exclusiva dos dirigentes regionais e nacionais da Igreja, segundo seus próprios cálculos e interesses. Não há nenhuma consulta democrática aos membros das igrejas locais. Estes recebem, no momento oportuno, o(s) nome(s) que devem apoiar. Muitas vezes, trata-se de pessoas pouco conhecidas pelos “irmãos de fé”. (2003, P56).

Vale destacar que o governo vertical exercido pela IURD faz com que o poder da instituição prevaleça sobre os indivíduos (ORO, 2003) independentemente se estes são fiéis ou pastores, dessa maneira quanto à eleição de um pastor *iurdiano*, podemos nos valer das palavras de outro autor que discorreu sobre a postura política adotada pela igreja já que “o político eleito pela IURD tem seu mandato nas mãos dela, seguindo sua orientação nas questões de interesse da igreja. A legitimidade da sua representação deriva de um ‘ato de instituição’ que a organização faculta” (CONRADO, 2000, P54, 55).

Como descreve Oro é “impossível” não perceber que existe na estrutura da IURD uma liderança muito forte e ativa que segundo o autor tem como figura principal o Bispo Rodrigues que em diversos momentos exerce seu poder na política da IURD, como descreve Oro:

Cabe a eles, de um lado, escolher os candidatos “representantes da Igreja”, segundo o tipo de eleição em questão, bem como distribuí-los entre os partidos políticos, e de outro, orientar os bispos e os pastores locais para solicitarem os votos dos fiéis. (2003, P 57)

Vale destacar que além de todo carisma e da autoridade que a IURD exerce sobre seus fiéis e já mostrado neste trabalho a Igreja ainda se utiliza do discurso religioso para alcançar seus objetivos políticos dessa forma vai ser possível perceber adiante que na IURD não se tem uma distinção entre o discurso religioso e o discurso político.

2.5. O DISCURSO RELIGIOSO UTILIZADO EM PRÓL DOS INTERESSES POLÍTICOS DA IURD.

Para sobre os candidatos apoiados pela IURD uma expectativa de que estes vão atuar de forma “messiânica” no cenário político (FREESTON, 2006), e como vai ser possível constatar o discurso religioso é extremamente explorado pelos coordenadores políticos da Universal para obtenção dos seus interesses, dessa forma a Igreja segundo as palavras de Oro “(...) traz para o campo político e para a construção de sua representação política, elementos doutrinários e discursivos próprios do campo religioso (...)” (2003, P57) a partir disso a IURD vai se utilizar de notícias veiculadas na mídia sobre casos relacionados à corrupção na política nacional passando para os seus seguidores que os valores religiosos por ela defendidos são uma solução para acabar com esse problema, Oro se utiliza de depoimento do Bispo Soares para ilustrar como essa prática é utilizada pela liderança da Igreja dessa maneira o líder político da IURD “conclama o povo de Deus a eleger homens e mulheres tementes ao Senhor (...)” (2003 P57).

Vale destacar o ponto que se refere à índole de alguns parlamentares ligados a denominações religiosas que tem um discurso voltado para as questões éticas dentro na política, mas que nas palavras de Mariano “vários parlamentares pentecostais, membros de igrejas e partidos conservadores, protagonizaram escândalos variados de malversação de recursos públicos e revelam possuir uma voracidade fisiológica que em nada diferia da dos piores de seus pares não crentes” (MARIANO, 2006, P 610), situação que não garante que o voto em candidatos evangélicos seja uma garantia de ética na política.

Segundo o relato do Bispo Rodrigues descrito por Oro os candidatos ligados a IURD “não se deixaram contaminar pela prática comum da corrupção. Os nossos candidatos mostram na prática o que é verdadeiramente a ética na política” (2003 P

58) o discurso religioso é utilizado com exatidão pelos líderes da IURD que travam uma “guerra espiritual” (ORO, 2003) na qual a Igreja convoca seus fiéis a participarem da política para vencer satanás, Oro ressalta o discurso que o Bispo Rodrigues presidiu em Porto Alegre no dia 22 de setembro de 2001 no qual o Bispo indagava os fiéis “Não votem nos políticos que estão a serviço de satanás, que não querem que a obra de Deus prospere” (2003, P58) dessa maneira Oro chega a seguinte afirmação:

Se, portanto, o diabo atua na política ocasionando a corrupção e os comportamentos ilícitos e antiéticos, a Universal se diz capaz de libertá-la do poder desse mal. Para isso, aciona um recurso invisível, mas poderoso, a força que purifica tudo, inclusive a política: a "força do Espírito Santo", o "poder do Senhor Jesus", "o pai das luzes que vence o poder das trevas", segundo o dizer dos ministros da IURD. (2003, P58).

Essa postura adotada pela IURD acaba por criar nos fiéis um sentimento que vai além do ato cívico de votar ele tem um sentido quase religioso (ORO 2003), ou seja, para os fiéis da IURD o ato de votar vai além de um exercício que segundo descreve Oro “Trata-se de um gesto de exorcismo do demônio que se encontra na política e de sua libertação para que ela seja ocupada por pessoas tementes ao Senhor Jesus” (2003, P 58) dessa maneira o voto por parte dos eleitores *iurdianos* ganha as seguintes proporções:

(...) o efeito de sentido produzido pelo discurso e pelo carisma da IURD por ocasião do período que precede as eleições é tal que seus fiéis acrescentam um significado a mais ao ato de votar além do dever cívico. O gesto de votar adquire o sentido de um rechaço do *mal* presente na política e sua substituição pelo *bem*, ou seja, por pessoas convertidas ao evangelho, por "verdadeiros cristãos", por "homens de Deus".(ORO, 2003, P 58).

A Universal traz para a esfera política crenças, valores, e seus dogmas fazendo com que seus fiéis participem da política, algumas das práticas utilizadas pela IURD acabam por influenciar outras igrejas e fazer com que alguns partidos políticos se interessem e olhem para a força que a Universal vem alcançando no cenário político brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A IURD tem um carisma junto aos seus seguidores que tendem a se submeter não somente as determinações religiosas, mas também se submetem as determinações políticas impostas pelas lideranças da Igreja como já vimos anteriormente, esse sucesso alcançado pela Universal gerou o interesse de outras igrejas que segundo a afirmação de Maia buscaram a se organizar politicamente.

As outras igrejas, como a Assembléia de Deus e a Igreja Quadrangular, não apresentavam, até 2002, candidatos claramente definidos, nem procuravam determinar o voto dos adeptos. Elas apoiavam determinados candidatos e permitiam aos seus seguidores a escolha livre. A partir de 2002 essas duas igrejas ao verificar o maior sucesso da IURD nas urnas, passaram a buscar uma organização política mais próxima à da IURD, sem com isso tentar criar um sistema idêntico. O que se vem tentando realizar nessas igrejas é uma definição prévia dos candidatos e uma tentativa de indicá-los de forma mais clara aos adeptos, podendo, como ocorre com a Igreja Quadrangular, chegar a exercer pressão, de forma semelhante à IURD, sobre os adeptos eleitores. No caso da Igreja Quadrangular há ainda a realização de prévias, semelhantes às realizadas pelos partidos políticos, para a indicação de seus candidatos. (MAIA, 2006, P 103)

Oro aponta que o sucesso político que a IURD vem alcançando nos últimos anos acabou por produzir um “efeito mimético” junto a outras igrejas, um ótimo exemplo que ilustra muito bem como as práticas utilizadas-principalmente os resultados- pela IURD influenciam outras igrejas é a declaração utilizada por Oro de um dos líderes da Assembléia de Deus, o pastor Silas Malafaia que se refere a postura da Universal da seguinte maneira “ Queremos exaltar o bonito exemplo da Igreja Universal, que define muito bem seus representantes no legislativo. As outras denominações deveriam imitá-la” (2003, P59)

Vale destacar que a Assembléia de Deus como a Igreja Quadrangular segundo Oro “imitam” a Universal até certo ponto uma vez que diferente da Universal essas duas igrejas reconhecem a liberdade do fiel de escolher o seu candidato enquanto a IURD por meio do seu verticalismo exige que seus seguidores votem nos candidatos apoiados por ela.

Como foi possível observar a atuação da IURD na política produz um “efeito mimético” (ORO, 2003), mas o efeito dessa atuação bem sucedida não ficou restrito somente ao campo religioso, dessa forma o êxito que a IURD alcançou no cenário político gerou interesse de partidos políticos que vem nela segundo Conrado (2000) uma “força política”, toda essa influencia fez com que alguns partidos busquem a

aproximação com a IURD. Vamos ver a hipótese levantada por Oro sobre essa questão:

Assim, há quem diga que por trás do empenho do PT em selar aliança com o Partido Liberal nas eleições 2002 cuja razão mais explícita teria sido atrair o setor empresarial para o PT em torno de José de Alencar, empresário bem-sucedido e senador crítico da política econômica do governo FHC figuraria também, mesmo que com motivação reduzida, o interesse velado de ter a Universal (e seus votos cativos?) ao seu lado. (2003, P 62).

A IURD e o PT mantêm uma boa relação na Câmara federal (ORO, 2003) tendo em outras eleições formado alianças, mas como já vimos anteriormente a IURD não se destacou dentro da política nacional pela sua fidelidade partidária como descreve Oro:

(...) no primeiro turno da campanha presidencial de 2002 a Universal apoiou o também evangélico, Anthony Garotinho, do PSB. Isso ocorreu mesmo nos Estados em que a Igreja lançou candidatos a deputados e a senador pelo PL, partido aliado ao PT. Neste caso, prevaleceu o vínculo evangélico do candidato a presidente (...) (2003 P 62).

Essa sucinta análise do interesse de alguns partidos políticos pelos votos dos evangélicos – principalmente a IURD - e pelo apoio das suas lideranças só comprova o que foi ressaltado por Oro que “os candidatos e os partidos se deram conta de que os evangélicos constituem hoje uma importante força política, podendo até decidir uma eleição” (2003, P 63), sendo a Igreja Universal do Reino de Deus um importante ator nesse novo contexto político.

A adoção do Estado laico garantiu a liberdade religiosa no Brasil, mais do que isso, permitiu que algumas igrejas buscassem garantir aos seus seguidores além da representação espiritual uma representação política como podemos observar nesse trabalho.

Os pontos abordados nos mostram que a escolha da Igreja Universal do Reino de Deus como exemplo que ilustrou este trabalho não foi por acaso uma vez a literatura que trata do aumento da população evangélica no Brasil ou sobre a relação dos evangélicos com a política (ORO 2003, BOHN 2004, MARIANO 2004, SOUZA, MAGALHÃES 2002), ressaltam a postura da IURD, todo esse destaque deve-se a uma história construída desde a sua fundação em 1977 que ficou marcada por uma postura agressiva, de insistência e habilidade de persuadir (MARIANO, 2004) postura essa que como foi descrita nesse trabalho não só lhe garantiu retorno como instituição religiosa como retorno financeiro e político.

Podemos chegar à seguinte conclusão, que a ação que as igrejas evangélicas (pentecostais, neopentecostais, não-pentecostais), em especial a IURD, vêm tendo na política brasileira nos últimos anos, deveriam ser analisadas pelos partidos políticos com muita atenção, pois como foi possível perceber nesse trabalho em algumas situações no parlamento a Universal buscou defender seus interesses (FREESTON, 2006) situação que deixa o partido político que na teoria deveria ser o principal ator na estrutura política, mas, que em algumas situações na prática acabam por ficar em um papel secundário uma vez que o interesse da Igreja muitas vezes se sobrepõe aos dos partidos (ORO, 2003), dessa forma uma reforma partidária se faz necessária para que o discurso político deixe de ser um discurso clientelista no qual alguns partidos tenham de se aproximar de grupos específicos como forma de se fortalecer o que reflete na Câmara federal que acaba por ser dominada pelas “bancadas” que reduzem a discussão política a interesses específicos.

BIBLIOGRAFIA.

BOHN, Simone R.. *Evangélicos no Brasil: perfil socioeconômico, afinidades ideológicas e determinantes do comportamento eleitoral*. Opin. Publica Campinas, v. 10, n. 2, Oct. 2004

CONRADO, Flávio César dos Santos. (2000), *Cidadãos do Reino de Deus: um estudo da Folha Universal nas eleições de 1998*. Dissertação de mestrado defendida junto ao Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

FRESTON, Paul, 2006, *Religião e política sim, Igreja e Estado Não*, Viçosa MG, Editora Ultimato.

LIMA, Diana. *Alguns fiéis da igreja universal do reino de Deus*. Mana, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, Oct. 2010.

MARIANO, Ricardo. *Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal*. Estud. av., São Paulo, v. 18, n. 52, Dec. 2004

----- . *Efeitos da secularização do Estado, do pluralismo e do mercado religioso sobre as igrejas pentecostais*. Civitas: Revista de Ciências Sociais, Vol 3 (1), Porto Alegre, EDIPUCRS, 2003.

MAFRA, Clara; SWATOWISKI, Claudia; SAMPAIO, Camila. *O projeto pastoral de Edir Macedo: uma igreja benevolente para indivíduos ambiciosos?*. Rev. bras. Ci. Soc., São Paulo, v. 27, n. 78, Feb. 2012.

MAIA, Eduardo L C, 2006, *Os evangélicos e a política*, Revista Eletrônica dos Pós - Graduandos em Sociologia Política da UFSC, vol. 2 nº 2 (4), agosto-dezembro/2006, p91-112.

ORO Ari Pedro. *A política da Igreja Universal e seus reflexos nos campos religioso e político brasileiros*. Rev. bras. Ci. Soc., São Paulo, v. 18, n. 53, Oct. 2003

SOUZA, Etiane Caloy Bovkalovski de; MAGALHAES, Marionilde Dias Brepohl de. *Os pentecostais: entre a fé e a política*. Rev. bras. Hist., São Paulo, v. 22, n. 43, 2002.